

Sistema Único de Saúde (SUS) - a expressão de um desejo (parte 4)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]

Durante a tentativa de sepultamento do INAMPS, o debate público foi patético, pois como o orçamento milionário do INAMPS teria que ir para o SUS, a guerra entre mortos e vivos foi redundantemente mortal. Para melhor entendermos, inclusive eu, nos bastidores dessa guerra precisamos continuar falando desse cadáver institucional que, no nascimento do SUS, andou perambulando pelo seu berçário, como numa 6ª feira treze, durante os primeiros anos. Por exemplo, antes de o SUS nascer, o orçamento do INAMPS era três vezes e meia maior que o do Ministério da Saúde. E pior: a clientela do INAMPS - trabalhadores formais, com carteira de trabalho -, era menor que a metade da população brasileira. Além disso, o INAMPS estava fortemente concentrado nos centros urbanos da região sul-sudeste. Era para lá que se dirigiam os serviços, e somente para assistência médica, como o próprio nome do instituto assinala. Portanto, gastava-se mais do triplo em saúde e nas regiões mais ricas gastava-se cada vez mais. A dependência e subordinação do INAMPS ao Complexo Médico Industrial (médico-hospitalocêntrico) que, na época, tinha um crescimento exponencial de inovação tecnológica, publicitária e mercadológica, era cada vez mais evidente. Foi a época da automação de exames laboratoriais, inovação no rastreamento de doenças por imagem e avanço de novas terapias farmacológicas. Avançava-se mas recuava-se na provisão de saúde da maioria do povo. Os custos eram progressivamente maiores, fora as fraudes surreais, como o pagamento de cesarianas para homens. O INAMPS provia algum direito à assistência médica para uma pequena parte da classe trabalhadora (com contrato de trabalho), no meio de um povo miserável desprovido de um mínimo de direito à saúde. Espécie de meia-miséria no meio da miséria inteira. Adiante voltaremos ao INAMPS, quando chegarmos ao contexto histórico de criação do SUS. Por ora, é fundamental falar do SUS: sua concepção, gravidez, pré-natal, parto, primeiros passos... Até aqui falamos da expressão SUS, o significado de cada uma das palavras. Entretanto, falamos pouco de SAÚDE. São tantos os conceitos de saúde, mas é preciso dizer que na 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em março de 1986, em Brasília, Sérgio Arouca - presidente da 8ª -, em sua [fala de abertura](#), nos trouxe alguns elementos conceituais de saúde. Disse Ele: ... *saúde não é simplesmente a ausência de doença... é uma maneira de sentir, é social, afetivo ... e, citando o professor Cynamon, da ENSP/Fiocruz: é ausência do MEDO ... saúde é que o povo tenha DIREITO à casa, ao trabalho, ao salário condigno, à água, à vestimenta, à educação, a ter informações sobre como se pode dominar esse mundo e transformá-lo, ao meio ambiente que ... permita a existência de uma vida digna e decente, a um sistema político que respeite a livre opinião, a livre organização, a livre autodeterminação do povo ... que não esteja submetido ao medo da violência ... e da miséria ... DEMOCRACIA É SAÚDE...* E SAÚDE não tem um conceito fechado. Fechar seu conceito significa não acompanhar a roda viva do mundo. Sempre acabará faltando algo, como agora, pra discutir seu significado. O que se sabe é que muito do que foi construído sobre o significado de Saúde ocorreu no período em que o Movimento Sanitário se articulava com outros movimentos sociais para repensar e reconstruir um novo modelo de saúde para o Brasil. Esse período iniciou, praticamente, em 1976, e aí não parou mais. A conjuntura do período era, ainda desfavorável, pois continuávamos na ditadura militar, em que setores da extrema direita continuavam muito atuantes. Muitos elementos, contudo, contribuíam para um arrefecimento da repressão aos movimentos sociais. Entre eles sobressai a mudança gradual da conjuntura internacional belicosa da Guerra Fria e, no Brasil, a derrocada do chamado milagre econômico, em 1974, esfriou ímpetus autoritários na cúpula militar. Com a saída do presidente sanguinário Emilio Médici, coincidente com a derrocada do “milagre”, Ernesto Geisel, em 1975, herda os efeitos funestos do período anterior (concentração de renda, aumento da pobreza, inflação, desvalorização da moeda, aumento da dívida externa etc.). E, além disso, Geisel herda também a linha dura militar (extrema direita), que se opunha a uma tímida abertura política gradual a partir de então. Não se pode deixar de registrar que Bolsonaro e seu “herói” Brilhante Ustra - o torturador dos torturadores - são típicos dessa estirpe. Inclusive, o General Augusto Heleno, chefe do GSI de Bolsonaro, quando era capitão fazia parte do gabinete do general Sylvio Frota - espécie de *capo di tutti capi* da linha dura, como já vamos ver -. Quem está me acompanhando nessa trilha da *expressão de um desejo* deve estar perguntando... e daí? O que tudo isso tem a ver com o SUS? Eu respondo: TUDO. Em 24 de outubro de 1976, [Vladimir Herzog](#), jornalista, foi assassinado pela ditadura militar nos porões do Exército Brasileiro (DOI-CODI), em São Paulo. O Exército divulgou nota de que ele havia suicidado. Apesar do laudo da Polícia Técnica de São Paulo ter mantido a tese de suicídio, o fato foi imediatamente desmentido. Por ser judeu, ele não poderia ser enterrado no cemitério da comunidade judaica, mas Henry Sobel, rabino da comunidade, declarou:

“Vi o corpo de Herzog. Não havia dúvidas de que ele tinha sido torturado e assassinado.” ■ ■ ■

Fontes: [A.....](#) // [B.....](#) // [C.....](#) // [D.....](#) // [E.....](#)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.